

Autora com mais de 400 milhões de exemplares
vendidos ao redor do mundo

NORA
ROBERTS

O despertar

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 1 •

 essência

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

NORA
ROBERTS

O despertar

LEGADO DO CORAÇÃO DE DRAGÃO

• LIVRO 1 •

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Nora Roberts, 2022
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Awakening*

Preparação: Ligia Alves
Coordenação editorial: Algo Novo Editorial
Revisão: Natália Mori Marques e Mariana Rimoli
Diagramação: Vanessa Lima
Capa: Renata Vidal
Imagem de capa: mythja/Shutterstock, Ironika/Shutterstock,
Ellerslie/Shutterstock, Wampa/CanStockPhoto

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e eventos retratados neste romance são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Roberts, Nora
O despertar: legado do coração de dragão 1/ Nora Roberts; tradução de
Sandra Martha Dolinsky. - São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.

ISBN 978-65-5535-794-3

Título original: *The Awakening*

1. Ficção norte-americana 2. Literatura fantástica I. Título II. Dolinsky,
Sandra Martha

22-2872

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro e impresso pela
Geográfica para a Editora Planeta do Brasil em junho de 2022.

2022

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação

São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

PREÇO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA



CAPÍTULO 1 FILADÉLFIA



Sentada em um ônibus que parecia ter graves ataques de soluço, Breen Kelly esfregou sua têmpora latejante de dor.

Tivera um dia ruim no final (graças a Deus!) de uma semana ruim que fechava um mês ruim.

Ou dois.

Disse a si mesma para se animar. Era sexta-feira, e isso significava dois dias inteiros de folga antes de ter que voltar à sala de aula e batalhar para ensinar artes da linguagem a alunos do fundamental II.

Claro que passaria uma parte desses dois dias corrigindo trabalhos e elaborando aulas, mas não estaria dentro da sala com todos os olhos sobre ela – alguns entediados, alguns maníacos, alguns cheios de esperança.

Não, ela não estaria ali, sentindo-se inadequada e deslocada como um adolescente que preferiria estar em qualquer outro lugar do universo menos na sala de aula.

Recordou a si mesma que lecionar era a mais honrosa das profissões. Gratificante, significativa, essencial.

Pena que era um saco.

O ônibus foi soluçando até a próxima parada. Algumas pessoas desceram, outras subiram.

Ela ficou observando. Era uma boa observadora porque era muito mais fácil observar que participar.

Uma mulher de terninho cinza, celular na mão, olhos cansados. Mãe solteira voltando para casa depois do trabalho, falando com os filhos, decidiu Breen. Provavelmente a mulher nunca teria imaginado que sua vida seria tão difícil.

Dois adolescentes – tênis de cano alto, bermuda Adidas, fones de ouvido. Estão indo encontrar uns amigos, jogar on-line, comer uma pizza, assistir a um filme. Uma idade invejável, pensou Breen, quando um fim de semana não significa nada além de diversão.

Um homem de preto... Ele olhou diretamente para Breen, profundamente, então ela desviou os olhos. Parecia familiar. Por que lhe parecia familiar? Sua cabeleira prateada a fez pensar: professor universitário.

Mas não, não era isso. Um professor universitário entrando no ônibus não deixaria sua boca seca nem faria seu coração bater forte. Sentiu um medo terrível de que ele voltasse e se sentasse ao lado dela.

Se isso acontecesse, ela nunca sairia do ônibus. Ficaria rodando, rodando, indo a lugar nenhum, chegando a lugar nenhum, em um loop contínuo de nada.

Ela sabia que era loucura, mas não ligava. Levantou-se e correu para a parte da frente do ônibus, a pasta batendo contra o quadril. Não olhou para o homem – não se atreveu –, mas teve que passar por ele para chegar às portas. Ele deu um passo para o lado, mas Breen sentiu que seu braço esbarrou no dele ao passar.

Seus pulmões se fecharam; as pernas fraquejaram. Alguém perguntou se ela estava bem enquanto cambaleava em direção à saída. Mas ela o ouviu, dentro de sua cabeça: *Venha para casa, Breen Siobhan. Está na hora de você voltar para casa.*

Ela se segurou na barra para manter o equilíbrio e quase tropeçou nos degraus. E desceu correndo.

Sentiu que as pessoas olhavam para ela, viravam a cabeça e se espantavam. Isso só piorava as coisas. Odiava chamar a atenção; tentava muito se misturar, ser invisível.

O ônibus partiu soluçando.

Sua respiração sibilava, mas a pressão no peito diminuiu. Ordenou a si mesma que desacelerasse e andasse como uma pessoa normal.

Levou um minuto para conseguir se acalmar e outro para se orientar.

Não tinha um ataque de ansiedade tão grave desde a noite anterior a seu primeiro dia na sala de aula da escola de ensino fundamental Grady. Marco, seu melhor amigo desde o jardim de infância, a havia ajudado a passar por aquela crise, e por outra – não tão ruim –, antes de sua primeira reunião de pais e professores.

Era só um homem pegando o ônibus, disse Breen a si mesma. Não era ameaça nenhuma, pelo amor de Deus! E ela não o havia ouvido dentro de sua cabeça. Acreditar que ouvia os pensamentos dos outros era uma maluquice.

Sua mãe não havia martelado isso em sua cabeça desde... sempre?

E agora, só porque havia tido um momento de loucura, tinha que caminhar quase um quilômetro. Mas tudo bem, tudo bem, era uma linda noite de primavera, e ela estava, naturalmente, vestida do jeito correto: capa de chuva leve – havia trinta por cento de chance de chuva – sobre uma blusa primaveril e sapatos adequados.

Ela gostava de andar, e marcaria um monte de passos a mais no contador de passos.

Bagunçou um pouco sua agenda, mas e daí?

Ela era uma mulher solteira de vinte e seis anos que não tinha absolutamente nada programado para uma noite de sexta-feira de maio. E, como se isso não fosse suficientemente deprimente, o ataque de ansiedade fez piorar sua dor de cabeça.

Ela abriu um compartimento de sua pasta, tirou uma bolsinha e, de lá de dentro, dois comprimidos de Tylenol. E os tomou com a água da garrafa que também levava na pasta.

Normalmente ela ia até a casa de sua mãe, pegava e separava a correspondência – pois a mãe se recusava a deixar que ficasse guardada no correio quando estava fora da cidade –, rasgava o que era lixo e deixava as contas, cartas etc. nas bandejas certas no escritório.

Abria as janelas para ventilar o duplex, regava as plantas – as de dentro e as de fora, afinal não havia chovido.

Fechava as janelas depois de uma hora, ligava o alarme e trancava as portas. E pegava o ônibus seguinte para casa.

Preparava o jantar: sexta-feira à noite significava uma salada com peito de frango grelhado picado e – sim! – uma taça de vinho. Corrigia trabalhos; e postava as notas.

Às vezes ela odiava a tecnologia, porque a política da escola exigia que ela postasse as notas – e depois aguentasse os alunos ou pais protestando.

Estava caminhando e ticando itens de sua lista enquanto as pessoas ao redor se dirigiam a um happy hour ou a um jantar, ou a qualquer lugar mais interessante que seu próprio destino.

Ela não as invejava... muito. Já havia tido um namorado e achado tempo em sua agenda para jantares, teatros e filmes. E sexo também.

Achava que estava tudo indo bem, estável. Até que ele a largou.

Mas foi bom, pensava. Tudo bem. Afinal, não estavam loucamente apaixonados. Mas ela gostava dele, sentia-se à vontade com ele. E achava que o sexo era muito bom.

Claro que, quando ela teve que dizer à mãe que Grant não a acompanharia à festa de quarenta e seis anos dela, e explicar o motivo, a estilosa e bem-sucedida Jennifer Wilcox, diretora de mídia da agência de publicidade Philly Brand, revirou os olhos.

E disse o esperado “eu avisei”.

Difícil argumentar, uma vez que ela realmente avisara.

Mesmo assim, Breen quis responder.

Você se casou aos dezenove anos e me teve aos vinte. E, menos de doze anos depois, forçou a barra até ele ir embora. De quem é a culpa de ele ter se afastado de mim, se não exclusivamente sua?

Era da mãe mesmo?, Breen se perguntava. Não era ela, Breen, o denominador comum entre uma mãe que não a respeitava e um pai que não lhe dava a mínima?

Mesmo tendo prometido.

Águas passadas, disse a si mesma. Precisava deixar pra lá.

Havia passado muito tempo perdida em pensamentos, admitia, e se sentiu aliviada ao se encontrar a um quarteirão da casa de sua mãe.

Era um bairro bonito e arborizado, bem-sucedido, habitado por pessoas bem-sucedidas, empresários, casais que gostavam da vida urbana, com fácil acesso a bons bares e restaurantes e lojas interessantes.

Todos aqueles prédios de tijolinhos vermelhos, com acabamento perfeito, janelas reluzentes... Ali as pessoas corriam ou iam à academia antes do trabalho, caminhavam à margem do rio, promoviam jantares elegantes, degustações de vinhos, liam livros importantes.

Pelo menos era o que ela imaginava.



Suas melhores lembranças brotavam de uma casinha onde seu quarto tinha um teto inclinado e havia uma velha lareira de tijolos na sala de estar – não a gás nem elétrica, e sim a lenha. Onde o quintal era tão

cheio de aventuras quanto as histórias que seu pai lhe contava antes de dormir.

Histórias mágicas de lugares mágicos.

As discussões haviam estragado tudo – as que ela ouvia através das paredes ou as que ouvia dentro de sua cabeça.

Então, ele foi embora. No início, durante uma ou duas semanas, ele a levava ao zoológico – ela era louca para ser veterinária na época – ou a um piquenique em suas visitas aos sábados.

Até que, simplesmente, não voltou mais.

Já tinham se passado mais de quinze anos e ela ainda esperava que ele aparecesse.

Ela tirou a chave de sua bolsinha de moedas – chave que recebera com uma lista detalhada de instruções três semanas antes, quando a mãe partira em uma de suas viagens de negócios seguida de um restaurador spa/retiro de meditação.

Ela deixaria a chave na quarta-feira seguinte, além de um litro de leite e dos outros mantimentos da lista, depois de pegar a correspondência, pois sua mãe voltaria na quinta de manhã.

Breen pegou a correspondência, colocou-a debaixo do braço, destrancou a porta e entrou no hall para desativar o alarme. Fechou a porta e colocou a chave de volta na bolsinha de moedas.

Foi primeiro para a cozinha, uma maravilha contemporânea HGTV de aço inox, armários brancos, ladrilhos brancos tipo os do metrô, pia de fazenda e paredes cor de massa de vidraceiro.

Largou a bolsa, deixou a correspondência na ilha central e pendurou a capa de chuva em um banco. Depois de ajustar o cronômetro para uma hora, começou a abrir as janelas.

Atravessou a cozinha e a sala grande e voltou à área de estar – tudo em plano aberto, com um glorioso e lindo piso de tábuas largas. Como o lavabo tinha uma janela, ela a abriu também.

Havia apenas uma leve brisa, mas essa tarefa estava em sua lista, e Breen seguia as regras. Pegou a correspondência para levá-la para cima. No terceiro quarto, onde sua mãe havia montado o escritório, ela deixou a correspondência no balcão em forma de L que servia como estação de trabalho.

Ali as paredes eram de tons café com leite e a cadeira de couro cor de chocolate. Prateleiras impiedosamente organizadas continham prêmios – sua mãe havia conquistado vários –, livros, todos relacionados ao trabalho, e alguns porta-retratos, com fotos também relacionadas ao trabalho.

Breen abriu o trio de janelas atrás da estação de trabalho e se perguntou, como sempre fazia, por que alguém daria as costas para aquela vista – todas aquelas árvores, os prédios de tijolinhos, o céu, o mundo.

Tudo distração, dissera Jennifer quando Breen perguntara. Trabalho é trabalho.

Ela abriu as duas janelas laterais também, que ladeavam um armário de madeira – trancado.

Nos peitoris largos das janelas havia plantas verdes fluorescentes em vasos de cobre. Ela regaria essas e o resto depois que abrisse as outras janelas. Em seguida, separaria a correspondência e esperaria o cronômetro. Então, fecharia todas as janelas de novo, trancaria a casa e pronto.

Abriu as do quarto de hóspedes perfeito e acolhedor – onde nunca havia dormido –, as do banheiro de hóspedes, da suíte master elegante e simples e de seu respectivo banheiro.

Ficou se perguntando se sua mãe já tinha levado um homem para aquela cama adorável com seu edredom azul de verão e travesseiros macios.

E imediatamente desejou não ter pensado nisso.

Retornou para baixo, foi até a porta do quintal, mas voltou atrás quando seu celular tocou dentro da bolsa.

Ela olhou para a tela – nunca atenda se não souber quem está ligando – e sorriu. Se havia alguém que podia melhorar um pouco este dia ruim, era Marco Olsen.

— Oi.

— Oi! É sexta-feira, menina!

— Ouvi dizer.

Ela levou o celular para o quintal, onde havia uma mesa e cadeiras de inox e vasos altos e finos nos cantos.

— Então, mexa essa bunda durinha e venha ao Sally's. Tem happy hour, gata, e a primeira rodada é por conta da casa.

— Não posso — ela ligou a mangueira e começou a regar o primeiro vaso —, estou na casa da minha mãe cuidando das coisas dela, e depois tenho trabalhos para corrigir.

— Hoje é sexta — repetiu ele. — Largue tudo aí. Fico no bar até as duas, e é noite de cantoria.

A única coisa que ela conseguia fazer em público sem sentir ansiedade — especialmente depois de uma bebida, e com Marco — era cantar.

— Ainda demoro — ela olhou para o cronômetro em seu pulso — quarenta e três minutos aqui, e preciso corrigir os trabalhos.

— Corrija no domingo. Já deu, Breen, esse Grant Webber de merda não vale a pena.

— Ah, não é só por causa dele. Estou meio pra baixo, só isso.

— Todo mundo já levou um pé na bunda.

— Você não.

— Eu também. Lembra do Harry, aquele gostoso?

— Você e Harry decidiram, mutuamente, que o relacionamento afetivo havia acabado, e ainda são amigos. Isso não é levar um pé na bunda.

Ela passou para o vaso seguinte.

— Você precisa se divertir um pouco. Se não vier para cá... Vou lhe dar três horas para poder ir para casa e se trocar e pôr um pouco de sensualidade nessa cara; senão, vou te buscar.

— Você vai estar trabalhando no bar.

— Sally ama você, menina. Ele vai te buscar comigo.

Ela amava Sally, uma extraordinária drag queen. Amava o bar, onde se sentia feliz, amava o bairro gay. E era por isso que morava em um apartamento no coração dele, com Marco.

— Vou terminar aqui e depois vejo como me sinto quando chegar em casa. Estou há duas horas com dor de cabeça, não estou inventando; e tive um ataque de ansiedade no ônibus que piorou as coisas.

— Vou buscar você e a levo para casa.

— Nada disso. — Ela passou para o terceiro vaso. — Tomei Tylenol, já vai fazer efeito.

— O que aconteceu no ônibus?

— Depois eu conto; foi uma bobagem. Sabe, talvez você tenha razão: seria bom uma bebida, um pouco de Marco e um pouco de Sally. Vamos ver como me sinto quando chegar em casa.

— Mande uma mensagem quando chegar.

— Ok. Agora, volte ao trabalho. Tenho mais um vaso aqui, as plantas de dentro, a maldita correspondência e essas malditas janelas.

— Você precisa aprender a dizer não.

— Não é nada muito complicado. Termino em menos de uma hora e pego o ônibus para casa. Eu mando uma mensagem. Vá servir suas bebidas. Tchau.

Ela entrou, cuidadosamente trancou a porta do quintal e encheu o regador para cuidar das plantas de dentro.

Uma brisa soprou e ela ficou perto da janela, de olhos fechados, sentindo-a.

Talvez chovesse, afinal; uma agradável chuva de primavera.

Mas a brisa ficou mais forte, surpreendendo-a, porque o sol continuava brilhando através do vidro.

— Talvez caia uma tempestade.

Ela não acharia ruim também. Uma tempestade poderia acabar com aquela maldita dor de cabeça. E, como Marco lhe dera três horas, sendo que duas bastariam, ela poderia passar essa hora corrigindo os trabalhos.

Assim se sentiria menos culpada.

Com o regador na mão, começou a subir as escadas enquanto o vento – já não era mais uma brisa – balançava as cortinas.

— Bem, mãe, sua casa definitivamente está sendo arejada.

Ela entrou no escritório e encontrou o caos.

A gaveta de baixo do armário estava aberta – ela poderia jurar que a vira trancada antes. Papéis voavam pela sala como pássaros.

Breen largou o regador e correu para recolhê-los do chão e pegá-los no ar enquanto o vento os girava.

Até que a ventania morreu, como se uma porta houvesse se fechado enquanto ela estava com as mãos cheias de papéis.

A sempre eficiente Jennifer ficaria seriamente contrariada.

Coloque de volta, coloque tudo de volta, arrume tudo; ela nunca saberá. E lá se vai minha hora a mais.

Desculpe, Marco, nada de Sally para mim esta noite.

Ela pegou pastas de arquivo vazias, montes de papel e se sentou na estação de trabalho de sua mãe para tentar organizá-los.

A etiqueta do primeiro arquivo a intrigou.

INVESTIMENTOS ASSOCIADOS/BREEN/2006-2013.

Ela não tinha nenhum investimento, ainda estava pagando o empréstimo estudantil do mestrado e dividia o apartamento com Marco não só pela companhia, mas para conseguir pagar o aluguel.

Perplexa, ela pegou outra pasta.

INVESTIMENTOS ASSOCIADOS/BREEN/2014-2020.

Outra pasta listava as informações e dizia também: correspondência.

Será que sua mãe tinha feito algum investimento para ela e não lhe contara? Por quê?

Seus avós maternos haviam deixado um pequeno fundo para sua faculdade, e ela ficara grata, pois a ajudara no primeiro ano. Mas depois sua mãe deixara claro que ela teria que se virar sozinha.

Você tem que fazer seu próprio caminho, dizia Jennifer a ela repetidamente. Estude mais, trabalhe mais se quiser ser mais que adequada.

Pois bem, ela estudara entre dois empregos de meio período para poder pagar as mensalidades. Depois, pegara os empréstimos e se imaginara pagando para sempre.

E se formara – adequadamente –, arranjava um emprego adequado de professora, e depois aumentara sua dívida porque precisara do mestrado para mantê-lo.

Mas havia investimentos em seu nome? Não fazia sentido.

Começou a vasculhar os papéis com a intenção de empilhá-los segundo cada etiqueta.

Não precisou ir muito longe.

Embora não pudesse dizer que sabia ou entendia muito sobre investimentos, ações ou dividendos, sabia ler números muito bem.

E o extrato mensal – como claramente declarado – de maio de 2014, quando ela lutava para sobreviver trabalhando em dois empregos e vivendo de miojo, mostrava o saldo final: mais de novecentos mil – *mil* – dólares.

— Não é possível — murmurou. — Simplesmente não é possível.

Mas o nome na conta era o dela – e o nome de sua mãe estava ali também.

Ela examinou outros papéis e encontrou depósitos mensais regulares do Banco da Irlanda.

Afastou-se da mesa e foi às cegas em direção às janelas, arrancando a fita que prendia seu cabelo para trás.

Seu pai. Seu pai lhe mandava dinheiro todo mês. Será que ele achava que isso compensava o fato de tê-la abandonado? O fato de nunca ter ligado, nem escrito, nem ido vê-la?

— Não, não, não. Mas...

Sua mãe sabia e não lhe disse. Sabia e a deixou pensar que ele simplesmente desaparecera, que deixara de pagar a pensão, que abandonara as duas sem remorso.

Mas ele não havia feito isso.

Breen teve que esperar até suas mãos pararem de tremer e seus olhos de arder.

Então, voltou à estação de trabalho, organizou os papéis, leu a correspondência e analisou o último extrato mensal.

O ressentimento e a mágoa se fundiram em um fogo baixo e estável de fúria.

Pegou o telefone e ligou para o número do gerente da conta.

— Benton Ellsworth.

— Olá, sr. Ellsworth, aqui é Breen Kelly. Eu...

— Srta. Kelly, que surpresa! É um prazer falar com você. Espero que sua mãe esteja bem.

— Tenho certeza de que está. Sr. Ellsworth, acabei de saber que tenho uma conta de investimento em sua firma com um saldo de três milhões, oitocentos e cinquenta e três mil, oitocentos e doze dólares e... sessenta e cinco centavos. Está correto?

— Posso lhe dar o saldo da conta de hoje, mas não entendi o que quis dizer com “ficou sabendo”.

— Esse dinheiro é meu?

— Sim, claro. Eu...

— Por que o nome da minha mãe também está na conta?

— Srta. Kelly — o homem começou a falar devagar —, a conta foi aberta quando você era menor de idade, e depois manifestou o desejo de deixá-la nas mãos da sua mãe. Posso lhe garantir que ela supervisiona seus investimentos criteriosamente.

— Como foi que eu expressei esse desejo?

— A sra. Wilcox explicou que você não tinha interesse em cuidar dos investimentos, e, como você nunca entrou em contato comigo ou com a empresa para solicitar o controle exclusivo da conta...

— Porque eu não sabia que ela existia. Descobri hoje.

— Tenho certeza de que há um mal-entendido. Seria melhor conversarmos eu, você e sua mãe, para resolver isso.

— Minha mãe está viajando; está em um retiro sem acesso a celular nem internet. — Sendo cuidada por algum deus em algum lugar, pensou. — Mas acho que você e eu temos que resolver isso.

— Concordo plenamente. Minha assistente já foi embora, mas posso marcar um horário para segunda-feira.

Não, não, ela perderia a coragem no fim de semana. Desapareceria. Isso sempre acontecia.

— Que tal agora?

— Srta. Kelly, eu estava de saída quando atendi sua ligação.

— Desculpe incomodá-lo, mas acho que é urgente. Eu sei que para mim, é. Quero conversar com você, entender melhor essa... situação antes de procurar um advogado.

No silêncio, Breen fechou os olhos com força. Por favor, pensou, por favor, não me faça esperar.

— Talvez seja melhor mesmo nos encontrarmos agora e conversar sobre isso. Tenho certeza, como eu disse, de que é só um mal-entendido. Pelo que sei, você não dirige, então...

— Não tenho carro — corrigiu ela — porque não tenho dinheiro para comprar. Mas sou perfeitamente capaz de chegar ao seu escritório. Chegarei aí o mais rápido possível.

— Encontro você lá embaixo, no saguão. Somos uma empresa pequena, srta. Kelly, a maioria do pessoal já terá ido embora antes de você chegar.

— Tudo bem. Obrigada.

Ela desligou antes que ele mudasse de ideia e se sentou – tremendo de novo.

— Acalme-se, Breen. Tome coragem e vá.

Breen colocou nas pastas correspondentes todos os papéis que havia empilhado. Deixou o regador lá, a gaveta do arquivo aberta, e desceu.

Ficou pensando quanto tempo levaria para chegar de ônibus ao escritório no centro da cidade.

E então fez algo que nunca havia feito.

Pegou um Uber.

O trânsito estava horrível. Claro, era sexta-feira na hora do rush. A motorista do Uber, que era uma mulher mais ou menos da idade dela, puxou conversa, mas parou quando Breen jogou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Ela queria ler os documentos de novo, mas ficaria enjoada. E essa não seria uma boa maneira de conhecer o homem que era, aparentemente, gerente de seus investimentos.

Breen precisava de um plano, mas não conseguia pensar por causa da angústia, da raiva. Sua programação para o fim de semana incluía – talvez não mais – pagar contas, fazer malabarismos com o dinheiro e espremê-lo. Havia planejado essa triste tarefa para depois do treino. Em casa, pois não podia pagar uma academia.

Não só não podia pagar, admitiu, como também se sentia estranha e desconfortável malhando com outras pessoas ao redor.

Independentemente do resultado dessa reunião, ela ainda tinha contas a pagar.

Abriu os olhos e notou que haviam fugido do trânsito e avançado um pouco pela margem do rio. O sol, mergulhando no oeste, ainda brilhava, batia nas pontes, na água, fazia tudo cintilar a seus olhos.

Nada de chuva, afinal, pensou, e percebeu que havia deixado a capa na cozinha de sua mãe.

Será que havia se lembrado de trancar tudo e ligar o alarme?

Depois de um momento de ansiedade, fechou os olhos e fez o caminho de novo em sua cabeça.

Sim, sim, tinha feito tudo isso. Tudo no piloto automático.

Quando o carro parou diante do imponente edifício de tijolinhos à sombra de torres de aço, ela deu uma gorjeta à motorista.

Lá se foi a pizza do domingo à noite.

Quando atravessou a calçada, um homem abriu a porta.

Era alto e esguio, usava um terno azul-marinho listrado, camisa branca engomada e uma ousada gravata vermelha. Por alguma razão, os fios grisalhos salpicados por seu cabelo castanho fizeram Breen se sentir mais à vontade.

Ele era mais velho, pensou. Tinha experiência; sabia o que estava fazendo.

Ela com certeza não.

— Srta. Kelly. — Ele estendeu a mão.

— Sim. Olá. Sr. Ellsworth.

— Por favor, entre. Meu escritório fica no segundo andar. Importa-se de subir pela escada?

— Não.

Ela viu um saguão silencioso e acarpetado com um balcão de recepção polido, várias cadeiras de couro enormes, umas plantas verdes grandes em grandes vasos de terracota.

— Desculpe se desempenhei algum papel nesse mal-entendido — começou Ellsworth enquanto subiam para o segundo andar. — Jennifer, sua mãe, disse que você não estava interessada nos detalhes da conta.

— Ela mentiu.

Isso não estava nos planos – se é que tinha um plano –, mas escapou da boca de Breen.

— Ela mentiu para você, se estiver me dizendo a verdade, e para mim, por omissão. Eu não sabia da existência dessa conta.

— Entendo.

Ellsworth apontou para uma porta aberta. A sala dele, maior que a sala de estar do apartamento de Breen e bem arejada devido às grandes janelas, tinha uma velha mesa de mogno lindamente restaurada, um sofá pequeno de couro e duas cadeiras de visitas.

Em um balcão havia uma cafeteira chique. Fotos – obviamente de família – cobriam uma prateleira suspensa.

— Aceita um café?

— Sim, obrigada. Com leite e açúcar.

— Sente-se — ele convidou enquanto se dirigia à máquina de café.

— Tenho todos os documentos — começou ela, sentada com os joelhos juntos, porque suas pernas tremiam. — Pelo que vejo, a conta foi aberta em 2006. Foi quando meus pais se separaram.

— Exato.

— Sabe me dizer se os depósitos a partir de então correspondiam a pagamentos de pensão alimentícia?

— Não, nada disso. Sugiro que converse com sua mãe sobre essa questão, pois só posso falar com você sobre essa conta específica.

— Tudo bem. Foi minha mãe que abriu a conta?

— Eian Kelly abriu a conta, em seu nome, com sua mãe como tutora. Programou, na época, um depósito mensal proveniente do Banco da Irlanda. Para seu futuro, seus estudos, sua segurança financeira.

Ela apertou as mãos, que tremiam também.

— Tem certeza?

— Sim.

Ele lhe entregou o café, depois pegou o seu e se sentou, mas não atrás da linda mesa onde estava seu computador, e sim na cadeira ao lado dela.

— Eu providenciei tudo para ele. Ele entrou no escritório, abriu a conta, e eu a administro desde aquela época.

— Ele... ele entrou em contato com você?

— Depois daquela época, não. Os depósitos chegam, sua mãe supervisiona a conta. Ela é bem correta, como eu disse. Se deu uma olhada nos extratos, deve ter visto que ela nunca tirou um centavo. Temos reuniões trimestrais, ou mais, quando há algo que precisemos discutir. Eu não tinha motivos para pensar que você não sabia de nada.

— Você tem muitos clientes... eu sou uma cliente?

— Sim — confirmou ele, e sorriu para ela.

— Você tem muitos clientes que não têm nenhum interesse em uma conta de quase quatro milhões de dólares? Eu sei que a Allied é uma empresa de prestígio, e provavelmente essa é uma conta pequena, mas mesmo assim é muito dinheiro.

O homem se levantou por um momento, e ela notou que ele escolhia as palavras com muito cuidado.

— Existem situações em que um dos pais ou responsáveis, ou um administrador, pode ser mais adequado para tomar as decisões financeiras.

— Sou uma pessoa adulta. Ela não é minha guardiã. — Breen sentia, intuía, sabia disso. — Ela lhe disse que eu era irresponsável, incapaz de lidar com dinheiro...

— Srta. Kelly... Breen... não quero entrar no âmbito pessoal. Mas posso lhe dizer, sem hesitar, que sua mãe sempre pensou em seu bem-estar. Com seus problemas...

— Quais são meus problemas? — A raiva aumentou de novo, muito mais que o nervosismo. — Sou irresponsável? Não muito inteligente também, não é? Talvez até meio lerda.

Ele corou um pouco.

— Ela nunca disse algo assim diretamente.

— Mas implicitamente sim. Bem, vamos nos conhecer, sr. Ellsworth. Sou mestre em educação, título que conquistei com muito esforço no inverno passado, e graças a isso tenho uma montanha de dívidas com empréstimos estudantis.

Ela notou o olhar atordoado dele.

— Dou aulas de artes linguísticas na escola de ensino fundamental Grady desde que terminei a faculdade, já com dívidas consideráveis, apesar de ter dois empregos de meio período. Terei prazer em lhe fornecer o nome do diretor da escola e de vários professores.

— Isso não será necessário. Eu tinha a impressão de que você não trabalhava ou não conseguia manter um emprego.

— Trabalho desde os dezesseis anos; nos verões e fins de semana. Ainda trabalho durante o verão para pagar essa dívida, e dou aulas particulares duas noites por semana pelo mesmo motivo.

Lágrimas começaram a rolar de seus olhos. Lágrimas quentes, quentes de raiva.

— Eu compro em brechós, divido o apartamento com um amigo. Espremo minha conta bancária até o último centavo todo mês. Eu...

— Calma. — Ele pousou a mão sobre a dela. — Lamento muito que tenha havido...

— Não chame isso de mal-entendido, pois foi deliberado. Meu pai queria que esse dinheiro fosse meu. Mas, em vez disso, tive que trabalhar de garçonne e pegar empréstimos para pagar a faculdade, sendo

que o dinheiro que ele me mandava teria... teria mudado minha vida. Saber que ele me mandava qualquer coisa teria mudado minha vida.

Ela deixou o café de lado e respirou fundo para tentar se recompor.

— Desculpe, isso é coisa da minha mãe, não sua. Por que você não acreditaria nela, afinal? Bem, você disse que eu sou sua cliente.

— Sim, e vamos resolver isso. Quando Jennifer volta?

— Semana que vem, mas preciso saber de uma coisa agora. Esse dinheiro é meu?

— Sim.

— Então, tenho autorização para fazer saques ou transferências?

— Sim, mas acho melhor esperar sua mãe voltar, para que nós três possamos conversar.

— Não estou interessada nisso. Quero transferir o dinheiro, abrir outra conta; só em meu nome. Posso fazer isso?

— Sim. Posso abrir uma conta para você. Quanto quer transferir?

— Tudo.

— Breen...

— Tudo — repetiu ela. — Senão, quando me encontrar com você e minha mãe, trarei um advogado e vou processá-la por... sei lá... peculato.

— Ela nunca tocou no dinheiro.

— Tenho certeza de que o advogado saberá que termo usar. Quero meu dinheiro, assim, da próxima vez que eu me sentar para pagar as contas, poderei quitar minha dívida estudantil e respirar fundo de novo. Esse dinheiro veio do meu pai para as suas mãos. Ele confiou em você, acreditou que faria o que era certo para mim. Pois agora estou lhe pedindo que faça o que é certo.

— Você é maior de idade, pode assinar um documento para retirar o nome da sua mãe da conta. Precisarei ver seus documentos, e você terá que preencher uns formulários. Terei que chamar um de nossos tabeliões e uma testemunha.

Ele pousou a mão sobre a dela de novo.

— Breen, eu acredito em você. Mas se importaria de me dar o nome e o telefone do diretor da sua escola? Apenas para minha própria paz de espírito.

— Sem problema nenhum.